

JORNAL DE GUIMARÃES

Semanario noticioso, litterario, agrícola e commercial

Orgão dos interesses locais

PREÇO DA ASSIGNATURA

PÁGAS ADIANTADAS

Anno (sem estampilha).....	1\$200
Semestre.....	600
Anno (com estampilha).....	1\$500
Semestre.....	750
Brazil e Africa, anno (pagamento adiantado)	3\$000
Numero avulso.....	40

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

EDITOR RESPONSÁVEL E PROPRIETÁRIO—Arnaldo Bezerra do Rego de Mello e Lima

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA—RUA DA RAINHA

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Anuncios e com., por linha.....	40
Reperição.....	20
No corpo do jornal, linha.....	100
Anuncios commerciaes, pagos adiantadamente, publicam-se por contracto prévio e os litterarios em troca d'um exemplar.	

Pelo progresso

Vae alto, felizmente, na patria portugueza, o sol vivificante do progresso, que irradia o amor do trabalho material, conduzindo á maxima perfeição a mão habil do artista, incessantemente laboriosa.

As balizas marcadas pela austeridade dos seculos preteritos, foram afinal ropidas pela potencia inquebrantavel das aspirações justas; rasgaram-se horizontes novos, e o mundo ignorado surgiu afinal, permittindo que lá entrassem os luctadores esforçados, em busca de loiros para si e para a terra amada que os viu nascer.

Em nosso modesto entender, antigamente o artista, ainda o mais eminente, devia de ser moderado na confecção dos seus trabalhos, embora os seus ideaes formosos pudessem guin-

dá-lo ao ápice da harmonia artistica; e, talvez porisso mesmo, nós notamos hoje, em obras de assombroso merito, desigualdades extraordinarias que causam profundo desgosto.

Cessou, por assim dizer, essa escravidão da antiguidade, que se estendia com certeza a tudo e a todos.

O feudalismo, que apertava com mão fereira os seus escravos, que eram afinal todos os homens, que não tinham a felicidade de serem contemplados na partilha arbitraria do respectivo torrão, havia de superintender indubitavelmente nos progressos da arte contemporanea, torcendo aptidões, interrompendo carreiras brilhantes, fazendo com que ideias sublimes esterilisassem por força da sua errada orientação.

Hoje, porem, o artista de merecimento, e tambem o medioere, podem traçar livremente o plano da sua obra, e exe-

cutal-o talqualmente o conceberam, tendo de sujeitar-se, é claro, ás opiniões geraes dos examinados e da sua producção, e neste campo em tudo e em todos os tempos, sinceros e mentirosos juizes.

A este respeito podiamos fazer agora amplas considerações com o fim, aliás justo, de vituperarmos muitos censores inconscientes, e alguns vergonhosamente assalariados para elevarem artistas de somenos importancia, pondo de parte, o que é manifestamente criminoso, outros de grande valor, que reclamam, pela perfeição dos seus trabalhos multiplicados, as atenções de todos os admiradores dos progressos da arte, e sobretudo, da arte portugueza.

Da arte portugueza, sim, que a estranha não conta de certo com o nosso humilde elogio para se tornar mais ful-

gurante se é possível E não reparem, com arde censura, neste nosso egoismo confesso; portuguezes somos; portanto, cumpre-nos pugnar pelo progresso d'esta nacionalidade ora enfraquecida, mas esperanda em que voltarão ainda, as eras sorridentes da sua gloriosa vida.

Infelizmente, aqui, em Portugal, o artista precisa de adquirir meios de fortuna suficientes para ir completar no estrangeiro a sua educação tecnica; de maneira que muitas vezes acontece ficarem muitos individuos, de reconhecido talento, totalmente inhabilitados de fazer carreira, só porque não possuem em caixa o numerario necessario para custeio das avultadas despesas a fazer.

Se por um lado a acção reformadora do tempo nos abriu caminhos novos para conseguirmos importantes beneficios, por outro lado

terriveis eventualidades nos inibem de os gosarmos, pelo menos completamente.

Os nossos governos têm uma grandissima culpa neste attentado contra o progresso da arte em Portugal, porque não têm cuidado do seu aperfeiçoamento, não só mandando para as escolas de ensino adequado os alumnos previamente julgados habéis para o desempenho honroso do commettido emprehendimento, mas incitando-os tambem, depois de concluidos os seus estudos, ao trabalho honesto e apurado.

D'esta fórma a pleiade de artistas conscienciosos seria maior que a actual, que é diminuta, posto que distincta, e isto representaria um bem, que nós reputamos de subido quilate.

A despeito de todos esses males, Portugal vae-se povoando de bellos monumentos, mercê do esforço heroico

d'alguns seus filhos prestimosos e dizemos assim porque Deus sabe quantos sacrificios elles fazem para conseguirem os diplomas comprovativos do seu merito.

E' pelo progresso material dos povos que nós pugnamos, e a nosso vêr, é justa a causa porque é sem duvida utilissimo que ella vingue.

A peregrinação á Penha

Guimarães ha-de ser sempre uma cidade nobilissima. N'ella nasceu o primeiro rei portuguez, esse vulto gigante que iniciou a formidanda epopeia da lusa historia, cadeado brilhante d'homericas façanhas, que arrancam a profunda admiração das mais potentes nacionalidades. Guimarães é gloriosa nos seus filhos. Em seu ditoso seio se tem alimentado sabios sem numero, n'elle se tem formado a grande actividade do trabalho. Aqui não ha incurias de qualidade nenhuma. Aos primeiros trindades da avosita alegre, aos primeiros lampejos da madrugada, Guimarães levanta-se: os homens cultores da sciencia, depois das suas ferventes preces ma-

FOLHETIM

O OPERARIO MENDIGO

Fui op'riario: minha vida Tem sido sempre o lidar! Hoje, de fronte abatida, Passo triste a mendigar! Vergado ao peso dos annos, Vejo em negros desenganos Que nem trabalhos insanos Nos póde á fome arrancar!

Trabalhei muito! ao trabalho Nunca meu corpo neguei; Quer da enxada, ou quer do malho O peso sempre arrotei; Soffri do estio os ardores, Do frio inverno os rigores, Da fadiga os amargores! Tudo, tudo supportei!

Ás vezes nutria a esperança D'um bom futuro colher; O trabalho tudo alcança Muita vez ouvi dizer; Mas os dias que passavam, Só miserias me apontavam,

E desenganos me davam Que me faziam tremer!...

Nada alcancei! O futuro Negro, negro se tornou! Sou velho!... nada seguro O triste op'riario alcançou! Se colhia co'o trabalho Algum pão, doce agasalho, Era de tudo um migalho Que o tempo tambem levou!

Nem mesmo a esperança d'outr'ora Me vem risonha afagar! Nem sequer já posso agora No trabalho o pão ganhar! Já 'tê ninguém me procura! Sou inutil creatura! Já quasi na sepultura Que a ninguem póde lembrar!...

Sou já inutil! agora P'ra nada sirvo a ninguem; Por mais que o pobre hoje chora, Dar-lhe allivio ninguem vem! Sou velho! E velho não posso... Sociedade, é dever nosso, Dae ao op'riario do pão vosso, Dae pão a quem pão não tem.

Mas!...meu Deus!...baldado é tudo!

Ninguem me quer escutar; Para o pobre o rico é mudo, Se falla, diz: «traballar!» Em quanto que na opulencia Tem o ocio por excellencia, O trabalho é penitencia A que se sabe isentar.

Nem comprehendo o soffrimento Que dentro d'alma nos vai! No seu folgar opulento Não nos escuta um só ai! Não ouve os nossos filhinhos, Mostrando os magros bracinhos, Bradarem consternadinhos: —«Eu tenho fome, meu pae!»

Á sua mesa assentado, Onde ha grandeza e prazer, Elle esquece o esfarrapado Que tem na escada a gemer! E se o pobre a voz levanta Implorando a esmola sancta, Recebe um grito que espanta: —Já disse—não póde ser.

E o pobre fica opprimido, Cheio de espanto e de dor! Solta mais fundo um gemido, Sente mais da fome o ardor! E lá desce descontente

Imagem d'um penitente! E diz triste e paciente: —Louvado seja o Senhor!...

E lá vai soffrendo a custo Do mendigo a negra cruz! De tudo treme e tem susto, Mas tudo ao crime o conduz! Ás vezes, co'a fome a braços, Desfaz da virtude os laços, Conduz ao crime seus passos, Porque a fome a fome induz.

Então sim!... a sociedade P'ra o punir dá-lhe attenção! Até ahí—sem caridade, Sem dó, negava-lhe o pão! Mas ao julgar-se offendida, Quer p'ra o pobre a força arguida, Ou lhe dá por toda a vida Negro labéo de ladrão!

É assim o mundo!! a pobreza Soffrendo, geme de dor! É symblo d'atra baixaza! Martyr da sorte e rigor! É—indigencia—o seu nome!... Tudo no mundo a consome! Miserias, frios e fome, Desprezos!...Meu Deus, que horror!

Que horror! brada o pobre da fome ao tormento, Que horror! diz o Bardo que o sabe attender! Que horror! Oh! quem nega ao mendigo o sustento, Não sabe o que a fome lhes custa a soffrer.

Vós, ricos da terra, escutae o meu canto, E aos pobres que gemem ouvi-lhe o carpir; Prestae-lhes soccorros, seccae-lhes o pranto, Que o céu vossas posses fará progredir.

Que é a vós a quem toca o dever consagrado D'auxilio á pobreza infeliz dispensar; A vós, sim, que o Eterno vos ha deparado Riquezas que sobram tambem para dar.

Não queiraes que o Eterno na hora aprazada Vos diga: NEGAVEIS AOS POBRES O PÃO? TAMBÉM EU VOS NEGO DO CÉO A MORADA: CAINS, EU VOS LANÇO FATAL MALDIÇÃO!

Ai pois! ai d'aquelle que esquece esta creença, Que apenas desprezos ao pobre só deu; No dia tremendo terá por sentença: OH! SÉ MALDICTO! NÃO ENTRAS NO CÉO!

Poetas que o tempo gastaes distraihidos Com vãs phantazias, sem nada colher, Junctae-vos comigo, e ao mundo esquecido Em pró da pobreza fazei reviver

timas, descem á dulcíssima familiaridade dos seus livros; o commerciante abre de par em par as portas do seu estabelecimento; o industrial corre pressuroso á sua officina; as raprugas, quer loiras, quer morenas, beijam as mãos paternas, e, depois do meigo abraço fraternal, correm para os seus «ateliers» ou para as suas fabricas; o mendigo começa logo de arrastar os seus farrapos por todas as ruas, pedindo esmola e rezando «Pater-nosters»; os que teem logar para isso, vão aos templos erigir suas alturas nos portos sacrosanctas, que brotam do sacrificio incrementado dos altares; raro se encontra um ocioso ou um vadio. Mas que se encontrassem a cada passo, em toda a parte ha aberrações. Porisso, em Guimarães existe actividade e fé, ha o rigoroso cuidado das coisas temporarias e o zelo meticoloso das coisas da eternidade, que a fallar a verdade, não destitua, antes nobilita—Se apparece algum d'esses abortos que medram nos esterquilinios do positivismo, do materialismo e do atheismo; se apparece algum d'esses que nos jornaes garatujam analphabetamente contra o culto religioso e contra as peregrinações á Penha, esse deixa-se que se e-tatele na sua mortifera descrença, mordendo-se de raiva que nós subamos aquelle alto, onde se oxygenam os pulmões e onde se embalsama a alma; se apparece algum d'esses que gritam aquí-dol-rei contra os que afrontam os «redemptores» principios liberaes, deixal-o gritar, que elle calará a booca depois de ver que todos fceem a imperdovel descortezia de matutarem n'aquelle profano proverbio: «vozes de burro não chegam—nem á Penha—quanto mais ao céu».

Todavia, o que escreve estas linhas é tambem liberal; mas o que elle nunca pôde comprehender é liberalismo, liberdade e tudo quanto se filia n'estas palavras, sem Deus e sem o racional culto, tanto interno, como externo—Lá que o liberalismo, por causas justas, ou falsos pretextos queira acossar para longe as ordens religiosas, vá que não vá; mas que tente acossar-nos a idéa de Deus e, por conseguinte, a da immortalidade da alma, isso mais a modo! Não estamos saturado de Compe, nem de Rénan nem de Proudhon, nem de taes lizeiros precisamos para coisa nenhuma d'este mundo; algo temos, todavia, lido de theologia, de philosophia, de historia, tendo, além d'isso, umas leves tinturas de sciencias naturaes, luz bastante para nos fazer ver em tudo escripto o nome de Deus. Que elle, já de si, é tão rutilante!..... E perdoe-se-nos a pequenina vaidade de nos julgarmos um poucozinho mais acima do macaco, acreditando firmemente na immortalidade da alma. Perdão, surs., que não que-reis peregrinações á Penha; mas, «presumpção e agua benta...»

E nós temos a presumpção de não ser materia, apenas; temos a vaidade de nós pre-luzir, cá dentro, um outro principio muito mais superior ao lodo; temos a ingenuidade d'acreditar que, para lá dos tumulos, ha ainda uma região de luz, ha o incommensuravel, o infinito, o eterno, Deus! Que que-reis? Velharias que nos incutiram, e que a nossa razão, amparando o nosso esforço investigador, nos diz que foram optimamente inventadas. Que que-reis? Que-

reis que apugnemos a luz da razão, como se apaga uma vela de ceco e que mantemos á fava a philosophia, a historia, a theologia e tudo o mais que tresanda a sciencia? Não, isso não; á fava que vá quem quiser.

Portanto, que nos importa á nós, que escrevemos estas linhas; que importa ao Sr. D. Prior, que teve grande interferencia na peregrinação; que importa ao Sr. Padre Lúcia, que a dirigiu e que importa ao religiosissimo povo de Guimarães, que n'ella se incorporou, que vos esmordaceis de raiva, enquanto nós fomos lá acima, ao alto, implorar a protecção do céu!...

Hio-de vos fazer um grande mal as nossas orações... Lá isso não tem grande duvida que vos hão-de fazer grande mal!...

Pois mordei-vos, que nós iremos á Penha quando nós quizermos. E olhe que isto é em nome da liberdade.

Guimarães.

Ribeiro de Vasconcellos.

Coisas alegres

Dois cumulos:

O da ingratidão:—«Ver-se a um espelho e não conhecer-se».

O da costura:—«Coser um sujeito a facadas».

X...casado com uma formosa senhora munda ensinar-lhe a tocar piano.

Ha já um filhinho de oito annos que n'um certo dia pergunta:

—O papáinho, quantos beijos entram no compasso quaternario?

—O pateta! A musica não tem nada com os beijos.

—Então porque é que o professor de piano está sempre aos beijos á mamãzinha enquanto ella solfeja?

Gargarejando:

—Já hoje passei aqui trez vezes e sempre de balde!

—Pois olhe, fez mal não fazer antes o cantaro porque a mamã despediu hoje a mulher que nos dava a agua...

EPIGRAMMA

Adoece um boticario
Do coração ou da espinha,
E só se sustenta a leite
Mais a caldos de galinha.

Vae visita-o um sujeito
E diz-lhe: essa cá me fica!
—Ver doente um boticario
Co'os remedios na botica!

Tenho-os sim; responde o triste,
—Deixe curtir-me estas fezes,
Tenho muitos na pharmacia
Mas esses...» para os fregu zes.

BEC.

Farpões

—Ora viva sr. Jeremias.

—Pra que viva, sr. morgado. Então que novidades o trazem cá pela minha casa?

—Negocios importantes; mas antes de lh'os contar deixe-me apertar bem esses ossos.

—Um abraço?! pois não sr. morgado, um abraço e dos d'amigo. Então em que posição rei ser útil a Vossoria?

—Em tudo, preciso agora do meu amigo Jeremias para assumptos de suma importancia.

—Falle, sr. morgado, falle, pois Vossoria chama-me seu amigo, abraça-me como se fosse um fidalgo e eu não o heide servir? Falle, que eu estou ás suas ordens.

—Ora muito bem. O meu bom amigo Jeremias sabe que estão ahí á porta as eleiões?

—Ahi á porta! pois essas fedalgas tambem vieram a minha casa? mande-as entrar, que eu não as conheço mas por sua honra faça-lhe tudo.

—Não é isso meu amigo, são as eleições em que se hade nomear a nova camara.

—Ah! então são as taes eleições em que se faz muito barulho! Já o sr. abbade me cantou tambem qualquer coisa cá ao ouvido.

—Realmente assim é amigo Jeremias. Ora eu venho pedir-lhe o seu voto.

—Olhe sr. morgado eu não sei como é lá isso, mas o sr. abbade já me fallou e eu disse-lhe que sim.

—Pois agora sr. Jeremias diga-lhe que não, porque eu quero o seu voto.

—Não, isso não faço eu sr. morgado, a minha palavra é uma só; amigos amigos, negocios á banda.

—Você é tolo, meu caro amigo. Então você não tem o seu Manoel para livrar?

—Tenho sim senhor.

—Pois então vote commigo que eu livro-lh'o de soldado e arranjo-lhe um bom emprego.

—Pois o senhor livra-me o filho de «soldado» e ainda lhe dá um emprego?!

—E' como lhe digo; voto commigo e verá como eu lhe arranjo uma boa quinta para você amannhar a sahir d'esta quinhosa que não presta para nada.

—Ainda mais isso?!... Está servido sr. morgado; pode ir descansado.

—Então conto consigo. Adens.

—Viva a folia!... Oh! mulher anda cá; anda cantar e dançar commigo; anda cá tamen, Manoel; cantae e dançai todos... Viva a folia!...

—O home tu bens manuco!... Que diabo l'aconteceu!

—Que havia de acontecer, mulher! venho todo contente da minha vida, porque o sr. morgado pediu-me o voto, e vae livrar o Manel de soldado, arranjar-lhe um bom emprego e a nós uma quinta grande!...

—Pois o senhor morgado bae faser tudo isso jumias?! Aquillo é que é um santo home.

—E' verdade, mulher, é verdade... estou todo contente...

—Tamen eu, jumias... vamos dançar... Viva a folia!...

—Antão, jumias o rapaz livre hein?

—Qual livre nem qual carapuça, mulher, ello sabiu apurado para Cavallaria...

—H! para caballaria! arruda, mostarda e alho! Antão o senhor morgado não o librou?

—Tanto livrou como ficou apurado para cavallaria. O que elle quiz, mulher, foi o voto; agora nem filho livre, nem emprego, nem quinta. E inda por riba fiquei de mal com o sr. abbade. Elle que torne cá

outra vez que eu é que o indiroito.

—Isso, isso home, afira-le que isto de politegos é uma sucia...

Litteratura

Os casamentos na Coréa

A cerimonia do casamento na Coréa é digna de ser conhecida pela sua originalidade.

No dia fixado para a cerimonia a noiva deve dirigir-se a casa do seu escolhido. Antes d'abandonar o lar paterno cobre-se com uma ampla túnica branca, em que ha tres orificios, dois dos quaes correspondem aos olhos e o terceiro á booca.

Feita esta «to lette», sobe para uma liteira hermeticamente tapada com pannaes de diversas cores. Rodem a liteira varias raprugas vestidas de branco, levando sobre as cabeças grandes vasos de porcelana e executando, no trajeto, danças originalissimas. O cortejo avança lentamente. Quando chega a casa do noivo, a noiva desce do palanquin e offerece varias golozimas ás suas compunheiras.

Ao transpor os hombros da casa do seu escolhido, assenta-se em frente d'este e recebe um copo vasio, que lhe offerecem. As passoaes da familia entoam canções monotonas. Findos os descanfos, acerca-se da noiva uma mulher, e vase-lhe na taça uma bebida espirituosa. Ella sorve uns golos, e passa o copo ao noivo, que faz outro tanto. Desde aquelle instante fica effectuado o casamento. Os paes dos jovens esposos despojam-os dos vestidos, guardando as precisas conveniencias, e conduzem-os á alcoba nupcial, onde ficam encerrados pelo espaço de tres dias. Os creados que lh'os levam os alimentos só entram no quarto ás horas das refeições.

Ao cabo do terceiro dia a recém-casada abandona o tecto conjugal e volta ao lar paterno, onde permanece durante cem dias e cem noites. Quando este prazo expira, regressa a casa do marido, considerando-se então como definitivamente contrahido o casamento.

Muitas vezes acontece que, passados os cem dias do estylo, o esposo cruel tem dado ás de Villa Diogo.

Arrependeu-se.

Retrato da sua namorada

(DE ANACREONTE)

Vá lá, meu pintor de fama,
Primoroso meu pintor!
Rei (que assim chamar-te podes)
D'ess'arte, que lá em Rhodes
Tem ganho tanto esplendor.

Vá! Retrata a minha amada!
Pouco importa longe estar;
Como ella é, posso eu dizelo.
Negro, nacio cabello
Põe-lhe em primeiro logar.

Olha! se a cera o consente,
Faze-o tambem rescender;
Quaes duas brillantes ondas,
Por sobre as faces redondas
Da eburnea fronte a pender...

Separar inteiramente
Não coavem, nem confundir
Os arquiños dos sobr'olhos;
Negro cilio, erguidos olhos,
Alma tímida a exprimir.

Olhos! Como os de Minerva
No azulado seu volver;
Como os da Mãe dos Cupidos,
Levemente humedecidos
De ternura e de prazer.

A face, ao nariz conserva
O encarnado e fresco alvor;
Não ha finta mais tímida:
Mistura o lyrio co'a rosa,
E tens-lhe acertado a cor.

Pinta os labios, e escondida
Entre elles a persuasão,
Da boquinha o goito imita
Fazer aos beijos co'vite
Co'o suave da expressão.

A barba que o amor incita,
Ao collo, que em candidez
Vence alabastros e neve,
Um oxame vago e leve
De graças convém que des.

Uma veste purpurina
Lhe lança agora afinal
Mas dispõe-lh'a por tal arte
Que deixe sonhar-se em parte
O seu corpo divino.

Conclui-te... Obra divina!
Conclui-te... E' ella! E' ella!
(Quero-te, amigo, abraçar)
«M'ha amada! oh! como es bella,
«Falla-me! deves fallar!»

CASTILHO.

Correspondencia

S. Miguel das Aves, 13 de setembro.

Na minha passada correspondencia, dava a noticia de se achar muito doente na Povoia, onde se encontrava a banhos, o sr. Narcizo Ferreira Marques.

Hoje, para contentamento dos seus numerosos amigos, e completar aquella noticia, resta-me informar-os de que aquelle nosso amigo, embora ainda convalescente já regressou d'aquella praia, á sua casa n'esta freguezia, onde conta de todo restabelecer-se.

Deus o queira.

—Os gatunos andam por aqui desaforados, até á audacia, parece que estamos em pleno Azambuja!

—No sabbado, 7 do corrente, um pedreiro de nome Manoel Voluntario, da vizinha freguezia de Lordello, mas que trabalha n'esta, quando, depois de haver recebido a sua feria, regressava a casa foi assaltado por dois meliantes que, enquanto um lhe prendia os braços o outro lhe passava uma revista aos bolsos d'onde lhe extorquiram os magros vintens que durante toda a quinzena havia ganho, e que representava o seu pão, de sua mulher e filhos; os mesmos ou outros, «cesteiro que faz um cesto...» assaltaram um melancioso do rev.º sr. Padre Augusto José Coelho e não só furtaram as maiores melancias, mas ainda cortaram, dei-

xando-as, aquellas que mal germinavam.

Taes facanhas não terão um termo? A quem compete podermos providencias.

—Aquelle salutar conselho do grande mestre Castilho «o «acreditos em bruxas nem feiçiceiras»... é inteiramente desconhecido do nosso povo. Ha aqui um infrujão que com benzeduras e mão-cheias de sal consegue limpar as algeibeiras de alguns—felizmente poucos papelves—consta até que é correspondente da Florida, bruxa d'essa cidade. Não se poderá por um dique a taes corpos abertos? Noticias d'estas, cauzam tedio!

J. R.

Jornal de Guimarães

Por motivos oppos-tos á nossa vontade não podemos continuar a publicação dos artigos —Co'no nós vivemos— bem como com —Os Mystérios de Guimarães —em virtude de ter deixado de fazer parte d'esta redacção o sr. José Ferreira.

D'isso pedimos desculpa aos nossos presadidos assignantes e queridos leitores, attendendo ao promettimento que fizemos referente «Aos Mystérios de Guimarães».

Noticias e informações

A VERANEAR—Em Villa do Conde encontram-se os srs. condes de Margrude, barões de Pombal e dr. Gaspar do Abreu de Lima.

Tambem se encontram na Povoia de Varzim, os srs. dr. Antonio Vicente Leal de Sampaio, dr. Luiz Vieira, dr. Antonio Rodrigues Leite da Silva, Bernardino José Ferreira Cardozo, Silvino de Souza Almeida Aguiar, acompanhados de suas respeitaveis familias.

Da mesma praia já regressaram os srs. Pedro Lobo, José do Amaral Ferreira, Antonio de Freitas Ribeiro, José Rodrigues da Silva, Bernardino Jordão, Fernando Lindoso, Domingos Freiria, José Ferreira Mendes da Paz, Antonio de Freitas Guimarães e familias.

A ares do campo encontram-se nas suas quintas, com as familias, os exc.ºs srs. dr. José Joaquim de Meira, Gaspar Lindoso e Joaquim Ferreira dos Santos.

DE VISITA—No preterito sabbado chegou a esta cidade e regressou no domingo a Mondim de Basto, o sr. Antonio Victor Monteiro, considerado escriptor de direito n'aquella comarca.

Veio de visita o um seu filho aqui empregado no commercio e ao seu amigo Manoel Seraiva de Carvalho Brandão, nosso conterraneo e ex-secretario da administração d'aquelle concelho.

ENFERMOS—O rev. dr. Manoel de Jesus Pimenta, vice-reitor do nosso Seminario-Lyceu, tem passado perigosamente enfermo.

—Tambem tem inspirado serios cuidados a grande enfermidade do sr. Antonio Luiz Carreira, filho mais velho do industrial sr. Manoel Luiz Carreira.

Fazemos votos pelas melhoras dos estimados enfermos.

MEDIDA JUSTA

O actual e energico administrador do concelho, sr. dr. Pedro Guimarães, acaba de por em vigor o edital do governador civil do districto de 7 de maio de 1895, regulando o serviço de carrejões, recadistas e moços de fretes.

São elles obrigados a darem fiador e usarem bonet, blusa e uma chapa que indique o numero de matricula e o mister a que se dedicam.

Com esta medida muito justa e sensata tanto tem a lucrar os carrejões, como o publico e a decencia, pelo que applaudimos sinceramente o sr. dr. Pedro Guimarães, visto s. ex.ª pol-a em pratica para bem d'esta cidade, tão minguada de medidas d'esta ordem.

FALLECIMENTO

Victimado pelos estragos de uma pneumonia dupla, falleceu hontem, pela meia noite, o sr. Vicente Pinheiro, considerado industrial e proprietario da fabrica de fundição d'Avenida, com deposito ao Tournal.

Apezar do grande emprehendimento laborioso que teve durante a vida, a sua morte deixa viuva e filhos em fracas circumstancias, alem de chorarem a sua perda.

Que descanse em paz o honrado trabalhador extinto.

Aos contribuintes

Prevenimos todos os contribuintes d'esta cidade e concelho de que tem, até ao dia 20 do corrente, de satisfazer na recebedoria do concelho ao pagamento das diferentes contribuições que lhes competi-

ram no anno de 1900 além dos 3 p. c. e juros de móra, contados sobre os impostos do estado no acto do pagamento.

Aquelles que não cumprirem ficam obrigados ás penas respectivas, de conformidade com a lei e regulamentos em vigor—a execução fiscal e penhora.

Excursão a Guimarães

Pela proxima visita dos seus camaradas do Porto a esta cidade, a 29 do corrente, a classe operaria vimaranense agita-se de entusiasmo e trabalha activamente para a recepção condigna que pretende fazer-lhes, á medida das suas forças.

Não menos entusiasmo reina nos nossos patrios residentes alli e na classe operaria, aproveitando aquelles a occasião economica e festiva de visitarem as suas familias, e esta a de fraternisar com os seus camaradas e apreciar os historicos monumentos que Guimarães possui.

Por isto e pelo que não nos é possível relatar, a proxima excursão deve ser excepcionalmente entusiastica e imponente.

...Sr. Redactor:

Tendo-se mais uma vez levantado na opinião publica a «novidade» de que era eu o auctor das cartas publicadas no «Jornal de Noticias do Porto» em que se dirigiam umas allevozas contra certo numero de individuos d'esta cidade conhecidos pelas suas ideias reacconarias em volto de novo, tambem, á rampa da imprensa declarar que não sou o auctor das alludidas cartas. Ha 5 annos que escrevo para jornaes e nunca, juro-o, me lembra de ter atacado qualquer pessoa ou coisa que for no que o cidadão tem de mais sagrado: a sua vida particular. Que se critique, que se fustigue, que se aniquile as manifestações retrogradadas e anti-patrioticas. Inimigas de todos os principios de liberdade e de progresso, concórdio e foi e hade ser sempre o meu ideal; mas que se firmem individualidades na sua vida privada isso nunca.

Peço, pois, a v. para declarar no seu já tão acreditado semanario, aberto francamente a todas as conquistas sinceras que não sou o auctor das informações, ou por outra, que nem escrevi nem concordo.

Com a publicação d'esta confesso-me de v.

Antonio Guimarães.

Sessão camararia

Dia 11 de setembro

Presidiu o sr. dr. Antonio de Andrade e assistiram os srs. vereadores Freitas Ribeiro, Santos Costa, Almeida Ferreira e José Pinheiro.

Foi lida e aprovada a acta da sessão anterior.

Foi lido um officio do sr. Administrador do concelho com data de 31 de agosto ultimo, no qual expõe que resolveu pôr em execução nesta cidade o regulamento dos carrejões, recadistas e moços de frete, e p-de para que lhes sejam fornecidos por esta camara 12 chapas com os dizeres—Moço de fretes—N.º...—

Ficou tomado em consideração.

Foi presente um officio do mesmo sr. com data de 9 do corrente, acompanhando a copia da sentença do Ex.º Juez Auditor administrativo que attendeu a reclamação do eleitor Antonio José Pereira de Lima contra a actual divisão das assembleias eleitoraes d'este concelho. Resolveu-se recorrer opportunamente d'aquella decisão.

Foram feitas as seguintes arrematações annunciadas:

Da obra de construção de muros na estrada conselha n.º 13, lanco das Taipas a Santa Christina de Longos, parte comprehendida entre os perfis n.ºs 10 e 55, arrematada por Bento Martins, do logar do Couto, d'esta cidade, pela quantia de reis 600\$000.

Da obra de aterro e regularisação do largo da Alameda das Caldas das Taipas, arrematada pelo dito Bento Martins pela quantia de 63\$000 reis.

Da obra de aterro e regularisação do referido largo da Alameda, arrematada por João Rodrigues Ferreira, da freguezia de Caldelas, pela quantia de rs. 89\$000.

Resolveu-se approvar o projecto e orçamento das obras de construção de um recipiente d'aqueducto e d'uma servilão na parte comprehendida entre Guimarães e o sitio das Horlas, na importancia de rs. 25\$300, devendo as mesmas obras ser feitas por ajuste particular.

Resolveu-se admitir no hospicio dos expostos por tempo de um anno uma creança por nome Agueda filha de Emilia Rodrigues, casada, da freguezia de Santa Eufemia de Prazins, em virtude de seus paes a não poderem alimentar por serem extremamente pobres.

Foram despachados os requerimentos dos seguintes srs:

Antonio José de Sousa, d'esta cidade, pedindo licença para atravessar com uma mina o caminho publico que segue em terreno proprio, na freguezia de S. Salvador de Souto, e bem assim para remover uma parede d'um terreno

de matto no seu casal de Penho, na dita freguezia. Deferido.

Rosa de Jesus Pereira, d'esta cidade, pedindo licença para fazer um accrescimo sobre o 3.º andar do seu predio sito na rua da Runha. Deferido.

Muonel Marques Novo, d'esta cidade, pedindo licença para modificar a varanda do 1.º andar do seu predio sito na rua da Caldenôa. Deferido.

João Fernandes, da freguezia de S. Salvador de Breiteiros, pedindo licença para atravessar com uma agua de rega o caminho publico que va de S. Salvador para a Povoia de Linhozo. Deferido.

Secção religiosa

Principia amanhã, 15 do corrente, na capella da V. O. Terceira de S. Domingos, pelas 5 e meia horas da tarde, o septenario em honra das Dores de Maria Santissima com exposição do SS. em todos os dias durante o mesmo septenario; e no dia 22 e 23 realizar-se-ha a grande festividade á gloriosa Virgem, que constará no dia 22, de missa cantada a grande instrumental, SS. exposto todo o dia e de tarde sermão pelo orador sagrado, rev. Gaspar Roriz, e Stabat-Mater; e no dia 23 tambem SS. exposto todo o dia e de tarde será cantado solenne Te-Deum, terminando com a benção do SS.

A musica é da capella do sr. João Ignacio e a armação do templo está confiada aos reputados armadores Eugenios.

Pelas duas horas da tarde de amanhã, domingo, sahirá da egreja de S. Francisco para a freguezia de Santa Marinha da Costa, em procissão solenne, a imagem do Senhor da Agonia que d'alli veio em procissão—ad potendam pluviam—nos meados do mez findo.

Será acompanhado de musica, bastante povo d'esta cidade e freguezias suburbanas e á chegada haverá «Te-Dum» e sermão pelo rev. Leite de Faria.

A exposição do Santissimo effectua-se nas egrejas e dias abaixo designados:

Aos domingos, segundas e quartas-feiras, na egreja e capella de S. Domingos; ás terças-feiras, na de Santos Passos; ás quintas-feiras, na da Misericordia; ás sextas-feiras, na de S. Francisco; e aos sabbados nas do Carmo e Oliveira.

Banco Commercial de Guimarães

Balancete do Activo e Passivo em 31 de agosto de 1901

ACTIVO	
Caixa, dinheiro em cofre	23.204\$888
Fundos fluctuantes	4.970\$000
Acções proprias existentes em carteira antes da promulgação do decreto de 11 de julho de 1894	55\$000
Letras descontadas e transferencias	122.531\$544
Letras a receber	2.482\$095
Empréstimos e contas correntes com caução	23.651\$880
Empréstimos com caução das proprias acções	100\$000
Correspondentes no paiz	31.552\$251
Devedores geraes	40.221\$214
Letras protestadas e em liquidação	53.273\$381
Empréstimos sobre hypothecas	61.252\$924
Propriedades arrematadas	27.485\$338
Effitos depositados	9.020\$000
Edificio do Banco	10.000\$000
Moveis, casa forte e utensilios	70\$000
Custo e sellos das novas acções	300\$000
<hr/>	
PASSIVO	
<hr/>	
389.816\$015	
<hr/>	
Capital	146.000\$000
Fundo de reserva	1.593\$000
Fundo para liquidações	76.170\$228
Depositos à ordem	39.596\$235
Depositos a prazo	57.917\$498
Dividendos a pagar	2.131\$625
Credores geraes	56.594\$706
Correspondentes no paiz	283\$938
Credores por effitos depositados	9.021\$000
Lucros e perdas	506\$785
<hr/>	
389.816\$015	

Guimarães, 31 de Agosto de 1901.

OS DIRECTORES,

Joaquim Ferreira dos Santos
Antonio Marques da Silva Lopes.

Mercado d'Hoje / **A' caridade publica**

CUSTO DOS CEREAEIS

Milho amarello	630
Milho Branco	650
Centeio	570
Painço	700
Milho alvo	950
Feijão amarello	1400
» branco	1200
» fradinho	800

CARREIRAS DIARIAS DO ALQUILADOR SNR. MANO L ALVES DA SILVA COSME.

Para Braga.

MANHÃ

Dois carros:—um ás 5 e outro ás 9 horas.

TARDE

Dois carros:—um ás 2 e outro ás 4 horas.

PARA CHAVES

Um ao meio dia.

PARA O ARCO, CABECEIRAS E CELORICO DE BASTO A's 9 horas noite

Recommendamos as infelizes Maria de Oliveira, viuva do carpinteiro Manoel da Silva, vulgo—«O cinco» moradora na rua de Villa-Fior; e Cecilia, viuva moradora na rua de Santa Cruz.

Rosa Velloso Pereira a «Bota».
Largo do Carmo.

Claudina Rosa.
Travessa dos Engeitados.

Annuncios

CAFÉ RUY

O melhor café moído a vistado freguez.

Preço 700 reis o kilo

Vende-se na mercearia

ARTHUR J. REBELLO

TYPGRAPHIA

DO

JORNAL DE GUIMARÃES

62—RUA DA RAINHA—62

GUIMARÃES



Esta Typographia encarrega-se de qualquer trabalho typographico garantindo a perfeição e modicidade de preços.

ROCHA MARTINS

MARIA DA FONTE

GRANDE ROMANCE HISTORICO

Edição de luxo, acompanhada de bellissimas photographuras dos principaes personagens da época e com primorosas illustrações de

ROQUE GAMEIRO

Cada fasciculo semanal 40 réis
Cada tomo mensal 200 réis

BRINDE A TODOS OS ASSIGNANTES

Centro de publicações—TABACARIA LEMOS

ALEXANDRE DUMAS

O SAN FELICE

Notavel romance historico

Edição de luxo, nitidamente impressa em bom papel, com illustrações de ROQUE GAMEIRO

Cada tomo mensal 100 réis
Cada fasciculo semanal 20 réis

Centro de publicações—TABACARIA LEMOS

Antonio Figueirinhas

RECORDAÇÕES DE VIZELLA

Um livro com bellas gravuras, onde n'uma narrativa singela se faz a descripção dos pontos mais pitorescos da formosa estancia balnear

Preço 500 réis

Centro de publicações—TABACARIA LEMOS

A SEVÈRA

Romance genuinamente portuguez

Profusamente illustrado por ALONSO

COM MAGNIFICAS GRAVURAS ALLUSIVAS A ÉPOCA

Original do laureado escriptor

JULIO DANTAS

Cada caderneta de 16 paginas semanal 60 réis—Toda a correspondencia deve ser dirigida á Casa Editora de F. PASTOR, Rua do Ouro, 243, 2.º LISBOA—Assigna-se em Guimarães na Typ. Industrial.

Brevemente:

GOMES FREIRE

Grande e patriótico romance historico,
original de ROCHA MARTINS

GOMES FREIRE—o novo e magnifico romance de que muito breve encetaremos a publicação é um romance historico, é de grande alcance sob o ponto de vista patriótico.

Começa no reinado de D. Maria I e termina com a revolução de 1820, apresentando-nos os principaes successos d'um largo periodo de quarenta annos.

GOMES FREIRE—é um nome e é um symbolo. Elle que representa a mais augusta victoria do governo dos inglezes no paiz, e é esse que incita o primeiro brado de verdadeira liberdade nacional.

A acção do romance divide-se em quatro partes que obdecem aos seguintes titulos:

A vingança dos jesuitas—Os pedreiros livres—A invasão franceza—Traidores á patria

Gomes Freire—è pois um livro de grande alcance onde o talento do auctor se revela em toda a sua pujança apresentando personagens como:

D. Maria I, D. João IV, o principe do Brazil, o cardeal da Cunha, Martinho de Mello, Luiz Pinto Coutinho, Lannes, Junot, Soult, Messena, o conde de Ega e sua mulher, os Marialvas, o arcebispo de Thessalonica, Beresford, Napoleão, Bonaparte, Carlota Joaquina, Fyffo Eyzio e José Agostinho de Macedo, o poeta Bocage, e sobretudo «Gomes Freire» que dá o nome a este bello romance.

Gomes Freire—será publicado n'uma luxuosa e nitida edição, acompanhado de photographuras dos principaes personagens e illustrado com gravuras de pagina, impressas em optimo papel, copia de primorosas aguarellas devidas ao pincel de «Roque Gameiro».

Cada fasciculo semanal 40 réis

Cada tomo mensal 200 réis

Está aberta a assignatura, «Tabacaria Lemos».

AS DUAS MARTYRES

(Annaes secretos da inquisição)

Romance historico por D. JULIAN CASTELLANOS

BRINDE A TODOS OS ASSIGNANTES

Um grande quadro historico (61,70 centimetros) representando um dos factos mais importantes da RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL EM 1640

Cada caderneta de 4 folhas, ou 3 folhas e uma estampa, por semana—40 RÉIS

Cada volume brochado—400 RÉIS

Assigna-se no Centro de publicações—TABACARIA LEMOS

O FERREIRO DA ABBADIA

POR

PONSON DO TERRAIL

1.ª PARTE: A Oupila dos Frades—2.ª PARTE: Os Amores da Condessa Aurora—3.ª PARTE: A Justiça dos Bohemios

Edição largamente illustrada com magnificas gravuras
Preço de cada fasciculo semanal

50 RÉIS

Cada tomo mensal 250 RÉIS

Assigna-se no Centro de publicações—Tab. caria Lemos